

PAISAGISMO CIRCUNDANTE AO AVIÁRIO

Paulo Giovanni de Abreu¹
Valéria Maria Nascimento Abreu²

Cobertura da vizinhança

A qualidade das vizinhanças afeta a radiosidade (quantidade de energia radiante levada pela superfície por unidade de tempo e por unidade de área – emitida, refletida, transmitida e combinada). É comum o plantio de grama em toda a área delimitada aos aviários, pois reduz a quantidade de luz refletida e o calor que penetra nos mesmos. Esse gramado deverá ser de crescimento rápido que feche bem o solo e não permite a propagação de plantas invasoras. Deverá ser constantemente aparado para evitar a proliferação de insetos.

Sombreiro

O emprego de árvores altas pode produzir micro clima ameno nas instalações, pela projeção da sombra sobre o telhado. As árvores nesse caso, preferencialmente caducifólias (que perdem as suas folhas no inverno), devem ser mantidas desganhadas na região do tronco, preservando a copa (Figura 1). Dessa forma, a ventilação natural não fica prejudicada. Para essa finalidade, devem ser plantadas nas faces norte e oeste do aviário. Além disso, deve-se fazer limpeza constante das calhas para evitar o entupimento com folhas e galhos. Para esse fim, tem-se utilizado, comumente, a *Vitoria racemosa* e a *Leucena leucocephala*.

Quebra-ventos

São dispositivos naturais ou artificiais, destinados a deter ou, pelo menos, diminuir a ação dos ventos fortes sobre os aviários. Podem ser definidos, ainda, como estruturas perpendiculares aos ventos dominantes, cujas funções são diminuir a velocidade e reduzir os danos por eles provocados. Em sua maioria são naturais, constituídos por fileiras de vegetação e agem de forma semelhante à apresentada na Figura 2.

Os quebra-ventos são importantes, pois na medida em que mantêm a velocidade do ar dentro dos limites, impedem os efeitos danosos do vento. Porém, é muito comum as granjas não aproveitarem ou utilizarem indevidamente os ventos, ou tornando-os causadores de problemas nas estruturas dos aviários.

¹Eng. Agríc., DSc., Embrapa Suínos e Aves

²Zootec., DSc., Embrapa Suínos e Aves

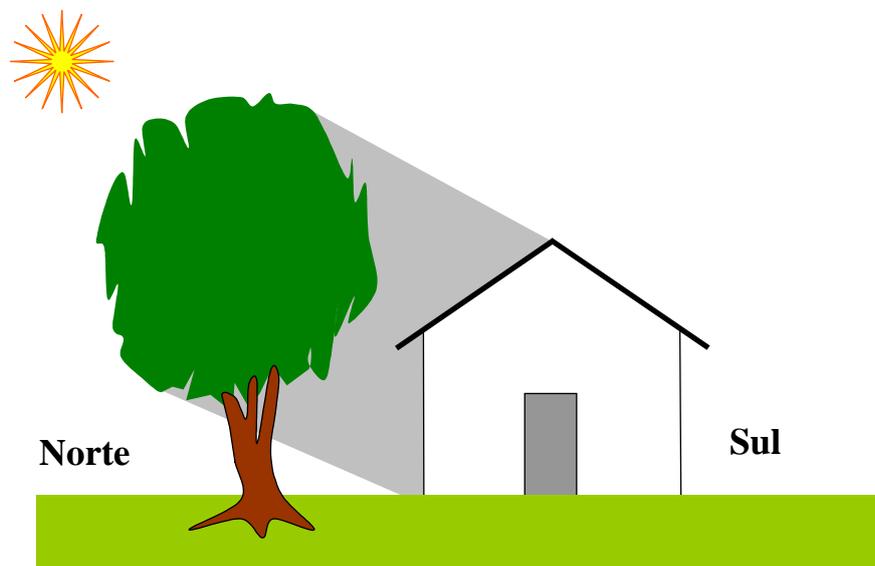


Figura 1 – Uso de árvores como sombreiro

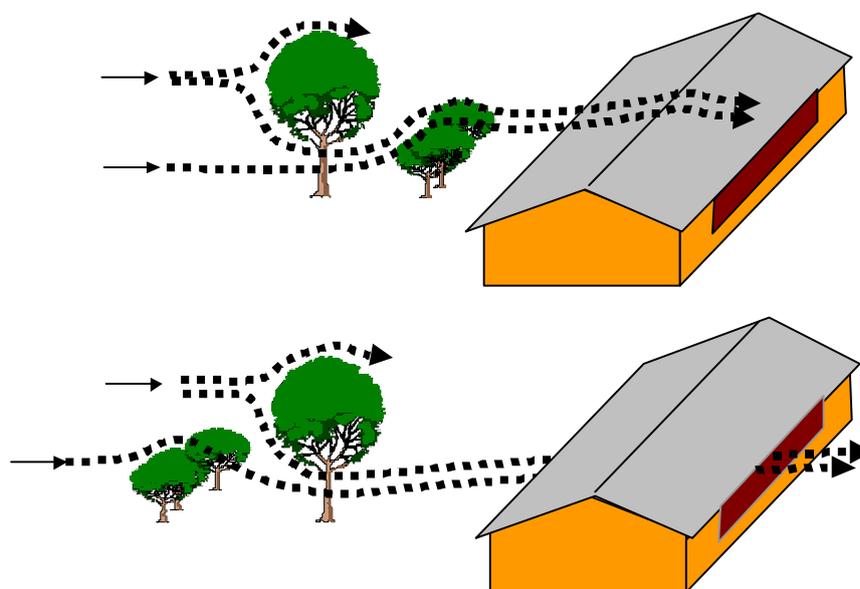


Figura 2 – Desvio do fluxo de ar por meio de quebra-ventos naturais (Adaptado de El Boushy & Raterink, 1985).

Quando bem projetado, o quebra-vento protege a instalação à distância de até 10 vezes a sua altura (Figura. 3). Assim, sua altura deverá ser determinada para a distância do ponto de onde sopra o vento, cuja proteção é projetada. Quebra-ventos com 15 a 30% de porosidade promovem melhor proteção do vento no lado do sotavento do que quebra-ventos sólidos, ou com alta porosidade. Outro aspecto relevante no planejamento de uma barreira de vento é a escolha da espécie vegetal a ser utilizada. Deve ser permeável, ereta, flexível, resistente ao vento e pouco sujeita ao ataque de pragas e doenças, de folhas perenes e de sistema radicular pouco competitivo. O ideal seria uma espécie que reunisse todas as características desejadas, adaptável às condições do clima e do solo local. Quebra-ventos de árvores têm sido preferidos, mas apresentam a desvantagem de levarem anos para crescer antes de serem utilizados como quebra-ventos. A porosidade de árvores caducifólias no inverno é de 50 a 70% (muitos poros para um bom quebra-vento).

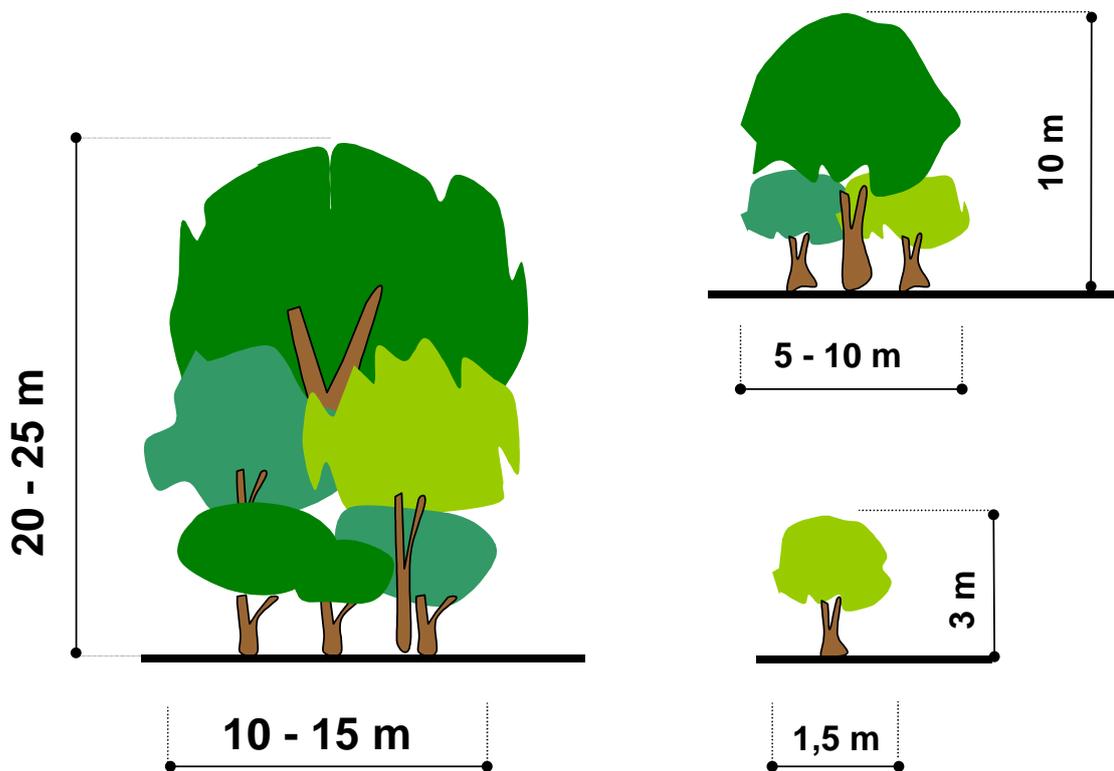


Figura 3 – Composição de quebra-ventos de árvores. Maiores alturas requerem espécies de vegetação intermediárias para formar um bom quebra-vento.

Na Tabela 1 são apresentadas várias espécies que, além de classificadas quanto à aptidão para quebra-vento, são também avaliadas quanto à capacidade potencial de servirem para outros fins, como sombreamento, produção de madeira, postes e fins estéticos. Nos trópicos, as espécies mais utilizadas têm sido grupamentos de *Grevillea robusta* na parte central e *Euphorbia tirucalli* (arbusto) nas filas exteriores e nas regiões áridas e semi-áridas, as acácias e algumas espécies de eucalipto no núcleo central e *Lamarix spp.* na periferia.

Tabela 1 – Utilidades adicionais de algumas espécies usadas como quebra-vento

ESPÉCIES	Clima		Pluviosidade (mm)			Altura (m)			Utilização					Madeira		Para Mel			
	Temperado	Sub-tropical	> 1000	800–1000	600–800	> 24	9–24	< 9	Ornamental	Sombra	Cortina	Serrada	Desenrolado	Postes	Decorativa	Combustível	Néctar	Pólen	
<i>Syncarpia glomulifera</i> (laurifolia)	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Tristania conferta</i>	1	1	1	2	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Eucalyptus acmentoides</i>	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1
<i>Eucalyptus cinera</i>	1	2	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2
<i>Eucalyptus cloeziana</i>	1	2	1	2	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Eucalyptus maculata</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Eucalyptus microcorys</i>	1	1	1	2	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Eucalyptus moluccana</i>	2	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	1	1	1	1	2	1	1
<i>Eucalyptus paniculata</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	2
<i>Eucalyptus pilulares</i>	1	1	1	2	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	2	2	1	1
<i>Eucalyptus resinifera</i>	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1
<i>Eucalyptus robusta</i>	1	1	1	2	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	2	2	1	1	1
<i>Eucalyptus saligna</i>	1	2	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>P. alliotii</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2
<i>P. Taeda</i>	1	2	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2

1 – Própria para a categoria indicada na coluna;

2 – Menos própria para a categoria indicada do que a classificada com 1;

x – Não deve ser utilizada na categoria indicada na coluna.

Fonte: (Baêta & Souza, 1997).

A proteção proveniente de estreitas faixas arborizadas, denominadas cortinas, é muito mais eficiente quando comparada à dos grandes complexos florestais. Ao encontrar um obstáculo, o vento tende a subir, reduzindo a sua velocidade. No caso de um maciço florestal, ele avança paralelo às copas e, ao atingir a orla de sotavento, dirige-se bruscamente para o solo. O retorno à posição normal depois de transposta a cortina é mais lento e gradual, como está representado na Figura 4. Normalmente, é recomendado utilizar menos que 10 filas.

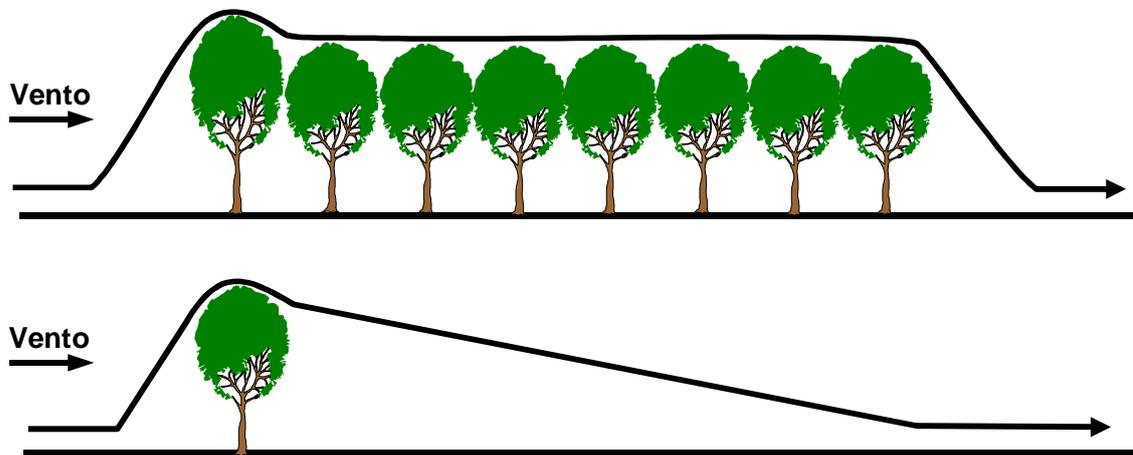


Figura 4 – Proteção por faixas arborizadas (Adaptado de Baêta & Souza, 1997)